

## Rodrigo Medeiros

É professor do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes)

Entre os 22 emergentes mais importantes, o nosso país ficou em terceiro lugar com a menor taxa de investimento, 18,4% do PIB em 2013

# O Brasil na contramão

Matéria recentemente publicada na “Folha de S.Paulo” (13/4), assinada por Érica Fraga, traz elementos relevantes para a nossa reflexão. Consta na reportagem que o Brasil poupa 58% menos do que a média dos emergentes e que a participação dos investimentos na composição do seu Produto Interno Bruto (PIB) é baixa. O Brasil poupa e investe pouco.

Segundo a matéria, com uma baixa poupança, o Brasil investe pouco, algo que explica parte da inflação elevada e o aumento da taxa básica de juros. Não irei discutir o que é necessário de antemão, poupança ou investimento, pois já se reconhece empiricamente que as condições da oferta do crédito podem viabilizar investimentos, renda e poupança. Para tanto, os conhecidos problemas do lado da oferta teriam que ser reduzidos. Também se reconhece que a poupança acumulada pode ser canalizada para investimentos produtivos.

Chamou a minha atenção a seguinte passagem sobre a poupança doméstica brasileira: “Taxa sobre PIB caiu de 19,4% para 13,9% de 1990 a 2013, enquanto a média dos emergentes subiu de 23% para 33%”. O Brasil “despou-

pou” nesse período, porém a média dos emergentes se elevou em capacidade de poupar.

Entre os 22 emergentes mais importantes, o Brasil ficou em terceiro com a menor taxa de investimento, 18,4% do PIB em 2013. Ainda de acordo com a matéria: “Na América Latina, países como Peru, Equador e Colômbia aproveitaram a demanda externa favorável na década passada para aumentar sua poupança doméstica. Já o Brasil optou pelo caminho do maior consumo”. A preferência pelo consumo se manifestou entre nós e o governo a estimulou com desonerações e outras políticas, inclusive com o aumento do gasto público.

Destaco a esclarecedora passagem do artigo publicado no “Valor Econômico” (14/3) por Tony Volpon: ‘Há uma forte correlação negativa entre a qualidade da política econômica e o nível de fluxos de capitais para países emergentes, contrariando a percepção comum que mercados ‘premiem’ boas políticas econômicas. Há fortes evidências empíricas que fatores globais (preços de commodities, taxas de juros nos países centrais) ‘empurram’ capitais aos emergentes, e que isso permite muitas vezes uma piora da política econômica’.

Conforme abordei anteriormente em artigos neste jornal, existem no horizonte muitas preocupações com os rumos das finanças públicas estaduais brasileiras. A prudência é necessária nesta hora.